

EDITORIAL

Os Geógrafos, exercendo atividades técnicas profissionais eram, em 1.960, somente dois. Hoje, passados onze anos, sua participação é cada vez mais significativa, seja no setor público, seja nas empresas privadas. O trabalho do geógrafo no serviço público se realiza na Central de Comandos Mecanizados de Apoio à Agricultura (CEMAPA) da Secretaria da Agricultura; na Secretaria de Desenvolvimento Regional e Obras Públicas, tanto no setor urbano como regional; na Secretaria do Planejamento; no Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária; na SUDESUL e na Secretaria de Educação e Cultura. Junto a empresas privadas sua participação é, cada vez mais ativa, como atestam os múltiplos trabalhos até aqui realizados no Rio Grande do Sul. Esse quadro geral mostra, perfeitamente, a participação do geógrafo na tarefa do planejamento, seja como orientador de pesquisa, seja como analista, ou como profissional da síntese das múltiplas formas de organização do espaço.

Dentre as múltiplas tarefas executadas pelos geógrafos gaúchos destacam-se: a resultante do Convênio entre o ex-IBRA, Instituto Interamericano de Ciências Agrícolas (IICA), a Secretaria da Agricultura e o ex-I.G.R.A. cujo resultado se consubstancia no mais extensivo e detalhado projeto de pesquisa e análise do setor primário até agora realizado no Brasil. A Unidade de Geografia e Cartografia da CEMAPA realizou, igualmente, um detalhado trabalho de pesquisa do qual resultou a carta de vegetação primitiva e uso atual da terra. Através deste estudo, que revela o processo de ocupação do território gaúcho, pode-se dizer que pela primeira vez, um diagnóstico realizado exclusivamente por geógrafos se constitui num verdadeiro instrumento à programação futura dos espaços agrícolas gaúchos. A essa contribuição se acrescenta o recente estudo sobre o comportamento da rede urbana gaúcha, resultante de um acordo entre a Superintendência do Desenvolvimento do Extremo Sul (SUDESUL), Serviço Federal de Habitação e Urbanismo (SERFHAU) e Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Na Secretaria do Desenvolvimento Regional e Obras Públicas a participação dos geógrafos também é significativa tanto no que se refere à elaboração de Planos Diretores como nas programações regionais. Na Secretaria do Planejamento a atuação do geógrafo se faz sentir como analista de problemas regionais e setoriais do Rio Grande do Sul e, na Secretaria de Educação e Cultura, na orientação a um ensino científico e renovado da Geografia.

Esses exemplos são mais do que satisfatórios num balanço de onze anos de atividades dos geógrafos, que conscientes de que "A Geografia classifica-se como a ciência de mais alto grau de complexidade: seu objetivo, a superfície terrestre, resulta de uma interação de "n" variáveis que expressam fatos do mundo físico, econômico e social, que se superpõem em cada lugar da Terra. As diversas formas de combinação destas variáveis, por sua vez, dão origem a uma quantidade "n" de áreas diferenciadas na superfície terrestre. Estas combinações não são estáticas, de modo que há a considerar mudanças nos padrões de organização do espaço, através do tempo. Deste modo, além de estudar um objeto — a superfície terrestre — que por integrar toda natureza de fenômenos é extremamente complexo a cada momento, a Geografia deve adotar a atitude de examinar os seus temas do âmbito de processos históricos. Alias, de acordo com o processo geral das ciências sociais, hoje em dia não se trata apenas de estudar os fatos geográficos na sua evolução até o presente, mas de indicar as tendências espontâneas do movimento para o futuro, bem como apontar as possibilidades de intervenção no processo econômico, no sentido de se alcançar situações espaciais mais desejáveis".*

Efetivamente participante, o geógrafo atual é um elo nas equipes interdisciplinares que garante — sem exagero — todo um sistema de pesquisa, através de sua formação voltada tanto para a análise quanto para a síntese no domínio de uma ciência atuante que busca causas e consequências para as relações Homem-Ambiente.

* Renovação na Geografia — Pedro Pinchas Geiger — Revista Brasileira de Geografia — Ano 32 — nº 1